

Quero eu

Eu me quero
Com minhas letras misturadas
Em palavras livres

Eu me quero
Deslizando a pena no papel
E sonhando

Sonhos de mim mesmo

Eu me quero
Livre
Comigo mesmo
E todo o resto da existência

A deslizar ruidosamente baixinho
Nos sulcos da vida
Entre gritos e silêncios

Eu me quero
Com minhas dúvidas
Sem nenhuma certeza

Enquanto aprendes a ganhar
Eu quero aprender a viver!

Eu me quero
Em ti, transeunte ilusório
Do fluxo de minha memória
O que já foi... e ainda é
E o que será... e ainda é

Na ponte para Tannhauser
Eu robô vomito impropérios
Dignos de ninguém

Quem segura o leme dessa nau espacial?

Eu me quero
Fragmentado e inteiro
De tudo que vale a pena

Enquanto aprendes a ilusão
Eu quero aprender a verdade...

Sozinho entre lençóis (resquício de outros tempos)

Esse momento que assola
Da memória que não é
Um devir incerto sem ela
E lágrimas rolam até meu pé

Encharcam o lençol triste
Da noite estrada firme
Do tempo que não existe
Somente na mente sublime

Vazio de alma no aposento
Pesado suor nervoso inefável
Gira o vazio cata-vento

E o relógio esticado no ar
Trava todo novo desejo
Que libertar-se-á ao navegar

Mata minha sede

Estou suja, ela sussurrou
Naquela hora perfeita
Da minha sede de seu sabor

Que sujeira não suportaria?
Do suor salgado
Do teu dia cansado?

Arrastaste-te pelas vielas
Sombrias da cidade morta
Para me saciares a sede
Agora, nada pode parar

Que meu desejo arde
E minha língua treme
Na direção dessa tua sujeira
Magnífica que direciona meu leme

Vaguei por aí sedento
Dessa sujeira luxuosa
Ah, nem me venhas com algum pudor
Mulher!

Agora, o corpo autômato
É um moto perpétuo
Sem parar percorre o ar rarefeito
Nada há que evite
A saliva no teu suor
Sublime e reluzente sumo
Que mata a sede do mundo

Verdade e mentira

A mão esquerda inepta derruba
Sem forças utensílios vários
Que procuro utilizar em vão

O uso e a repetição
Desse membro desajeitado
Foi insuficiente para torneá-lo

Que mais negligenciei em mim
Durante essa existência plana?

Os abraços
Os beijos
Os sorrisos
As lágrimas
O expirar de todas as restrições
À prática de tudo que deixei

Preocupado com regozijos alheios
Ao afago egóico do eu
Negligenciei muito de mim mesmo
Integridade

Exaltei muito de mim mesmo
Fantasia

Só sei que a mão esquerda é fraca
Porque a mão direita é forte
Só sei de mim mesmo verdade
Porque sei de mim mesmo mentira

Mãe

E que meu sorriso
Seja tua última lembrança
Deste mundo incerto
Que esses teus olhos negros
Embevecidos de tua vida
Celebração de ti aqui nessa planície
Encapsulem na água límpida
De tua íris-piscina
Meu amor sempre presente
Talvez às vezes premente
De uma manifestação minha

Que, em teus segundos finais
Nessa planície transitória
Possas sentir o chão no caminhar
Nas tuas solas calejadas
Da vida que celebraste
Em cada suspiro
De paixão e dor

Que a aridez dessa planície
Não te fira a pele lisa e tenra
Mas, antes, prenuncie o alvorecer
Dos bálsamos que te esperam
Ao final da jornada

Que a luz do sol te toque
Suave carinho dourado
E es quente tua fronte marcada
Pelas agruras e regozijos
De tudo que era teu, mas era meu também
Porque parte de mim és tu
E parte de ti sou eu
Parte de mim se vai
E parte de ti aqui resta
Então, contigo estarei
Quando ao final de teus passos
Finalmente chegares ao teu destino

Lá, onde a outra existência te engolir
Eu estarei também
Para celebrar tua vida
Que parte de mim viveu
Porque parte de ti sou eu